

# NORA ROBERTS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



## MAGIA DO SANGUE

LIVRO TRÊS DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Kat,  
uma das luzes mais brilhantes  
em minha vida*

*Como as estrelas parecem distantes  
e como está distante nosso primeiro beijo  
e, ah, como é velho meu coração.*

– William Butler Yeats

*Dizem que isso chama sangue,  
sangue chama sangue.*

– William Shakespeare

# 1



VERÃO DE 1276

**E**M UM DIA CLARO DO FINAL DO VERÃO, BRANNAUGH COLHEU ERVAS, flores e folhas para unguentos, poções e chás. Vizinhos e viajantes vinham até ela em busca de esperança e cura. Vinham até ela, a Bruxa da Noite, como antes iam até sua mãe, com dores no corpo, no coração e no espírito e pagavam com moedas, serviços ou trocas.

Ela, seu irmão e sua irmã haviam construído suas vidas em Clare, muito longe de Mayo, seu antigo lar. Longe da cabana na floresta em que tinham vivido e onde a mãe morrera.

Assim ela construíra sua vida, mais satisfeita e alegre do que acreditara ser possível desde aquele terrível dia em que a mãe lhes dera quase todo o seu poder e os enviara para longe, sacrificando-se para garantir que ficassem seguros.

Tudo tinha sido apenas tristeza, dever e medo, pensou Brannaugh, quando ela fez o que lhe foi pedido e conduziu seu irmão mais novo e sua irmã pequena para longe de casa.

Eles haviam deixado para trás o amor, a infância e toda a inocência.

Longos anos. Os primeiros foram passados como a mãe pedira, com sua prima e o marido dela – seguros, cuidados e bem-vindos. Mas, com o passar do tempo – e o tempo passa –, chegara a hora de deixar aquele ninho, abraçar quem e o que eles eram e sempre seriam.

Os três Bruxos da Noite.

Seu dever e objetivo acima de todos os outros? Destruir Cabhan, o bruxo das trevas, assassino de seu pai, Daithi, o bravo, e de sua mãe, Sorcha. Cabhan, que de algum modo havia sobrevivido ao feitiço que Sorcha, mesmo agonizando, lançara contra ele.

Mas em um dia tão esplendoroso do final do verão tudo parecia muito distante – os terrores daquele último inverno, o sangue e a morte da última primavera.

Ali, no novo lar que ela havia criado, o ar tinha o perfume do alecrim em seu cesto e das rosas que o marido plantara para comemorar o nascimento de seu primogênito. As nuvens brancas e fofas eram como carneiros no prado azul do céu e a floresta e os pequenos campos que ela e seus irmãos desbravaram eram verdes como esmeraldas.

O filho de Brannaugh, que ainda não completara 3 anos, estava sentado em uma área ensolarada tocando o pequeno tambor que o pai fizera. Ele cantava, assoviava e batucava com uma alegria tão inocente que os olhos de Brannaugh arderam de amor.

A filha, que mal completara 1 ano, dormia segurando sua boneca de pano favorita, sob a vigilância de Kathel, o fiel cão da família.

E outro filho se mexia e chutava em seu ventre.

De onde estava, Brannaugh podia ver a clareira e a pequena cabana que ela, Eamon e Teagan haviam construído quase oito anos antes. Crianças, pensou. Na época eram apenas crianças, só que não puderam aproveitar a infância.

Ainda moravam por perto: Eamon, o leal, forte e verdadeiro, e Teagan, bondosa e justa. Tão felizes agora, pensou Brannaugh, e Teagan tão apaixonada pelo homem com quem se casara na primavera.

Tudo tão tranquilo, apesar das batidas e dos assovios de Brin. A cabana, as árvores, as colinas verdes salpicadas de ovelhas, os jardins e o céu azul brilhante.

E isso teria de terminar. Em breve.

Estava chegando a hora – ela percebia isso com tanta nitidez quanto sentia os chutes do bebê em seu ventre. Os dias ensolarados dariam lugar a dias sombrios. A paz terminaria em sangue e batalha.

Brannaugh tocou no amuleto com o símbolo do cão. A proteção que sua mãe conjurara com magia do sangue. Em breve, muito em breve, precisaria novamente dessa proteção.

Pressionou a mão sobre a lombar, que doía um pouco, e viu seu marido cavalgando na direção de casa.

Eoghan, tão bonito, tão dela. Olhos verdes como as colinas, cabelos cacheados na altura dos ombros, pretos como corvos. Alto e reto, ele vinha

montado tranquilo na robusta alazã, com sua voz alta – como frequentemente estava – entoando uma canção.

Pelos deuses, ele a fazia sorrir, fazia seu coração se elevar como um pássaro voando. Ela, que estivera tão certa de que não poderia ter nenhum amor, nenhuma família além da sua de sangue, nenhuma vida além de seu objetivo, sentira um amor mais profundo do que os oceanos por Eoghan de Clare.

Brin se ergueu de um pulo e começou a correr o mais rápido que suas pequenas pernas lhe permitiam, chamando o pai:

– *Da, Da, Da!*

Eoghan se inclinou e puxou o filho para a sela. As risadas do homem e as do menino chegaram até Brannaugh. Os olhos dela arderam de novo. Naquele momento, teria dado todo o seu poder, cada gota que recebera, para poupá-los do que estava por vir.

O bebê a quem dera o nome de sua mãe choramingou e o cachorro deu um leve latido de alerta.

– Eu ouvi, Kathel – falou Brannaugh e, pousando o cesto, foi pegar a filha e a cobriu de beijos enquanto Eoghan ia para seu lado.

– Olhe aqui, veja o que encontrei na estrada. Um cigano perdido.

– Ah, bem, acho que deveríamos ficar com ele. Talvez seja útil na limpeza e depois poderemos vendê-lo no mercado.

– Ele pode nos render um bom dinheiro. – Eoghan beijou o alto da cabeça do filho, que dava risadinhas. – Vamos, rapaz.

– Cavalos, *Da!* – Brin virou a cabeça, seus grandes olhos pretos suplicantes. – Por favor! Cavalos!

– Uma volta rápida e depois quero meu chá. – Ele piscou para Brannaugh antes de partir em um galope que fez o garoto gritar de alegria.

Brannaugh pegou o cesto e acomodou a pequena Sorcha no quadril.

– Venha, velho amigo – disse para Kathel. – Está na hora do seu tônico.

Ela foi para a bela cabana que Eoghan construía com mãos hábeis e braços fortes. Lá dentro atizou o fogo, acomodou a filha e começou a preparar o chá.

Acariciando Kathel, encharcou-o do tônico que conjurara para mantê-lo saudável e com a boa visão. Seu guia, seu coração, pensou. Poderia prolongar a vida dele por mais alguns anos. E saberia quando chegasse a hora de deixá-lo ir.

Mas ainda não. Não, ainda não.

Pôs na mesa bolos de mel e um pouco de geleia. O chá estava pronto quando Eoghan e Brin entraram de mãos dadas.

– Bem, isso parece ótimo.

Ele acariciou a cabeça de Brin e se inclinou para beijar Brannaugh, prolongando o beijo como sempre fazia.

– Você chegou cedo – comentou Brannaugh, e então seu olhar de mãe notou os dedinhos de Brin quase alcançando um bolo. – Lave as mãos primeiro, filho, depois se sente como um cavalheiro para tomar seu chá.

– Elas não estão sujas, mãe – alegou ele, estendendo as mãos.

Brannaugh apenas ergueu as sobrancelhas ao ver aquelas mãozinhas encardidas.

– Vão lavá-las. Vocês dois.

– Não discuta com as mulheres – disse Eoghan a Brin. – Essa é uma lição que você vai aprender. Terminei o telheiro para a viúva O'Brian. O filho dela é inútil como tetas em um bode e saiu para cuidar de seus próprios assuntos. A verdade é que foi mais rápido sem ele.

Eoghan contou sobre esse trabalho enquanto ajudava o filho a secar as mãos, depois falou sobre o próximo enquanto segurava a filha e a balançava no alto, fazendo-a dar gritinhos de alegria.

– Você é a alegria desta casa – murmurou Brannaugh. – A luz dela.

Ele a olhou tranquilamente e pôs o bebê de novo.

– Você é o coração dela. Sente-se, descanse seus pés um pouco. Tome seu chá.

Eoghan esperou. Ah, ela sabia que ele era o mais paciente dos homens. Ou o mais persistente, o que quase sempre era a mesma coisa, pelo menos com pessoas como seu Eoghan.

Então, quando as tarefas e o jantar terminaram e as crianças foram postas para dormir, Eoghan pegou a mão dela.

– Quer dar uma volta comigo, querida? A noite está linda.

Quantas vezes, perguntou-se Brannaugh, ele lhe dissera essas palavras quando a cortejava – quando ela tentava afastá-lo como um mosquito?

Naquele momento apenas pegou seu xale – um dos seus favoritos, que Teagan lhe fizera – e o pôs sobre os ombros. Depois olhou de relance para Kathel, deitado perto da lareira.

*Tome conta dos bebês para mim*, disse-lhe, e deixou Eoghan levá-la para fora, para a noite fria e úmida.

– A chuva está chegando – disse ela. – Antes de amanhecer.

– Então estamos com sorte de ter a noite. – Ele pôs a mão sobre a barriga de Brannaugh. – Está tudo bem?

– Sim. Ele é um homenzinho inquieto, sempre se mexendo. Como o pai.

– Nós estamos em uma boa situação, Brannaugh. Podemos pagar por um pouco de ajuda.

Ela o olhou de esguelha.

– Você tem alguma queixa sobre o estado da casa, as crianças, a comida na mesa?

– Não, nenhuma. Vi minha mãe se matar de trabalhar. – Enquanto ele falava, massageou a lombar de Brannaugh, como se soubesse da dor leve e incômoda ali. – Não quero isso para você, *aghra*, meu amor.

– Estou bem, juro.

– Por que está triste?

– Não estou. – Era mentira, percebeu Brannaugh, e nunca mentia para ele. – Estou, um pouco. Carregar bebês deixa uma mulher um pouco boba de vez em quando, como você deveria saber. Eu não chorei baldes de lágrimas quando estava esperando Brin e você trouxe o berço que havia feito? Chorei como se o mundo fosse acabar.

– De alegria. Isto não é alegria.

– Há alegria. Hoje mesmo fiquei aqui olhando para nossos filhos, sentindo o bebê se mexendo dentro de mim, pensando em você e na vida que temos. Muita alegria, Eoghan. Quantas vezes eu lhe disse não quando você me pediu para ser sua?

– Uma vez já foi de mais.

Brannaugh riu, embora as lágrimas lhe apertassem a garganta.

– Mas você pediu de novo e de novo. Cortejou-me com canções, histórias e flores silvestres. Ainda assim, eu lhe disse que não seria esposa de nenhum homem.

– Nenhum homem além de mim.

– Nenhum homem além de você.

Ela respirou o ar da noite, sentindo o cheiro dos jardins, da floresta e das colinas. Assimilou o que se tornara seu lar, sabendo que o deixaria pelo lar da infância e pelo destino.

– Você sabia o que eu era, o que sou. E ainda assim me quis. Não quis meu poder, mas a mim.

Isso significava tudo no mundo para Brannaugh e ela havia aberto seu coração, que antes estava determinada a manter trancado.

– E quando não pude mais evitar amá-lo, eu lhe contei tudo, recusando-o novamente. Mas você pediu de novo. Lembra-se do que me disse?

– Vou repetir. – Ele se virou para Brannaugh e segurou as mãos dela como fizera anos antes. – Você é minha e eu sou seu. Aceitarei tudo o que você é. Eu lhe darei tudo o que sou. Ficarei com você, Brannaugh, a Bruxa da Noite de Mayo, no fogo e no dilúvio, na alegria e na tristeza, na guerra e na paz. Olhe dentro do meu coração, porque você tem esse poder. Olhe dentro de mim e conheça o amor.

– E eu fiz isso. E faço. Eoghan. – Brannaugh chegou mais perto dele, enterrou-se em seu peito. – Há muita alegria.

Mas ela chorou.

Eoghan a acariciou e acalmou, depois a afastou para ver seu rosto à luz pálida da lua. Então compreendeu:

– Precisamos voltar – deduziu ele. – Para Mayo.

– Em breve. Em breve. Sinto muito...

– Não. – Ele a beijou de leve, fazendo-a se calar. – Não me diga isso. Não ouviu minhas palavras?

– Como eu podia saber? Até mesmo quando você as disse, quando elas conquistaram meu coração, como podia saber que eu me sentiria assim? Tudo em mim gostaria de ficar. Apenas ficar aqui com você, deixar todo o resto para trás, distante. Mas não posso. Não posso nos proporcionar isso. Eoghan, nossos filhos...

– Nada tocará neles. – Ele pôs uma das mãos na barriga de Brannaugh. – Nada nem ninguém. Eu juro.

– Você precisa jurar, porque quando chegar a hora terei de deixá-los e enfrentar Cabhan com meu irmão e minha irmã.

– E comigo. – Ele a segurou pelos ombros com ardor e ferocidade brilhando em seus olhos. – O que você enfrentar, eu enfrentarei.

– Você precisa jurar. – Com gentileza, Brannaugh levou as mãos dele à sua barriga, onde o filho chutava. – Nossos filhos, Eoghan, você precisa jurar protegê-los acima de tudo. Você e o marido de Teagan têm de protegê-los de Cabhan. Eu não seria capaz de fazer o que devo se não soubesse que o pai e o tio deles os guardariam e protegeriam. Se você me ama, Eoghan, jure isso.

– Eu daria minha vida por você. – Ele encostou sua testa na de Brannaugh e ela sentiu seu conflito de homem, marido e pai. – E daria minha vida pelos nossos filhos também. Juro protegê-los.

– Sou abençoada por ter você. – Brannaugh ergueu as mãos de Eoghan de sua barriga e as levou aos lábios. – Você não me pediria para ficar?

– Tudo o que você é – lembrou-lhe ele. – Você fez um juramento e esse juramento também é meu. Estou com você, *mo chroi*, minha querida.

– Você é a luz em mim. – Suspirando, ela apoiou a cabeça no ombro de Eoghan. – A luz que brilha em nossos filhos.

Ela usaria tudo o que era para proteger essa luz, tudo o que vinha da luz, para finalmente vencer a escuridão.

BRANNAUGH ESPEROU, APROVEITANDO CADA DIA E SE AGARRANDO A TUDO o que lhe proporcionava. Quando seus filhos tiravam um cochilo e o que estava dentro dela insistia em que descansasse também, sentava-se perto da lareira com o livro de feitiços da mãe. Estudava e acrescentava os seus próprios, suas palavras e seus pensamentos. Sabia que isso seria passado adiante junto com o amuleto. Para seus filhos e descendentes que cumpririam o objetivo da Bruxa da Noite caso ela, Eamon e Teagan falhassem.

Sua mãe jurara que eles – ou alguém de seu sangue destruiriam Cabhan. A própria Brannaugh tinha visto um desses descendentes, uma pessoa de outro tempo, tinha falado com ele. E sonhara com outra: uma mulher com seu nome que usava o amuleto que ela usava agora e, como ela, era um dos três.

Os três de Sorcha teriam filhos, que por sua vez teriam seus próprios descendentes. Assim o legado e o objetivo seriam mantidos até que fossem cumpridos. Ela não negaria isso – não poderia negar nem fugir.

E ela não negaria – não poderia negar – a agitação crescente em seu sangue à medida que o verão chegava ao fim.

Mas tinha filhos, uma casa e animais para alimentar e cuidar, uma horta para colher e uma pequena cabra para ordenhar. Vizinhos e viajantes para curar e ajudar.

E magia, magia brilhante, para preservar.

Então, com seus filhos cochilando – e Brin resistira bravamente a fechar os olhos –, saiu para tomar ar.

E viu a irmã, com a trança loura balançando às costas, vindo pelo caminho com um cesto.

– Você deve ter me ouvido desejando sua companhia. Estou doida para conversar com alguém que tenha mais de 2 anos.

– Eu trouxe pão preto, porque assei mais do que precisava. E também queria estar com você.

– Tenho sentido fome o dia inteiro, então vamos comer um pouco agora. – Rindo, Brannaugh abriu os braços para a irmã.

Teagan, tão bonita com seus cabelos como a luz do sol e os olhos como as campânulas que a mãe adorava.

Brannaugh a abraçou – depois a afastou de novo.

– Você está esperando um filho!

– E você não podia ter me dado a chance de lhe dizer isso eu mesma? – Radiante, Teagan se aproximou para outro forte abraço. – Eu só tive certeza hoje de manhã. Acordei e soube que havia vida em mim. Não contei para Gealbhan, porque precisava contar para você primeiro. E ter certeza absoluta. Agora tenho. Estou falando demais. Não consigo parar.

– Teagan. – Brannaugh ficou com os olhos úmidos ao beijar as bochechas da irmã e se lembrar da garotinha que chorara naquela manhã sombria tantos anos antes. – Abençoada seja, *deirfiúr bheag*, irmãzinha. Entre. Vou lhe fazer um pouco de chá, algo bom para você e para a vida que carrega.

– Quero contar para Gealbhan perto do riacho onde ele me beijou pela primeira vez – disse Teagan, entrando com Brannaugh e tirando o xale. – E depois contar para Eamon que ele será tio de novo. Quero música e vozes alegres. Você e Eoghan podem trazer as crianças esta noite?

– Sim, é claro. Teremos música e vozes alegres.

– Sinto falta da mamãe. Ah, sei que isso é bobagem, mas quero falar com ela. Quero contar para o papai. Estou carregando uma vida dentro de mim, uma que veio deles. Foi assim com você?

– Sim, todas as vezes. Quando Brin nasceu e, depois, minha Sorch, eu a vi por um momento, apenas um momento. Eu a senti e senti o papai também. Senti os dois lá quando meus bebês choraram pela primeira vez. Havia alegria e tristeza nisso, Teagan. E depois...

– Conte-me.

Com os olhos cheios daquela alegria e tristeza, Brannaugh cruzou as mãos sobre a criança dentro dela.

– O amor é tão ardente e pleno! Aquela vida que você carrega não em seu ventre, mas em seus braços, sabe? O amor que a domina... Você acha

que conhece o amor e então de repente ele está ali e você percebe que nada se compara a ele. Agora sei o que ela sentia por nós. O que ela e papai sentiam por nós. Você saberá.

– Pode ser maior do que isto? – Teagan pôs a mão em sua barriga. – Já parece enorme.

– Pode e será. – Brannaugh olhou para as árvores e a mata exuberantes. Então seus olhos se embaçaram. – Esse filho em você não será o escolhido, embora vá ser forte e ágil. O que virá a seguir também não. A filha, a terceira, virá depois. Ela será um dos três. Parecida com você, com o coração bondoso e a mente afiada. Você a chamará de Ciara. Um dia ela usará o símbolo que nossa mãe fez para você.

Subitamente tonta, Brannaugh se sentou. Teagan correu para ela.

– Eu estou bem. Estou bem. Isso apareceu para mim tão rápido que eu não estava pronta. Ando um pouco mais lenta hoje em dia. – Ela deu um tapinha na mão de Teagan.

– Eu nunca olhei. Não pensei nisso.

– Por que deveria pensar? Você tem o direito de ser apenas feliz. Eu não queria ter estragado isso por nada.

– Você não estragou. Como poderia ter estragado alguma coisa me contando que terei um filho, depois outro e uma filha? Fique sentada onde está. Vou terminar de preparar o chá.

Ambas olharam na direção da porta que se abriu.

– Ele sem dúvida tem faro para pão fresco, o Eamon – disse Teagan quando o irmão entrou com seus cabelos castanhos desgrehados como sempre ao redor de um rosto incrivelmente belo.

Eamon sorriu e farejou o ar como um cão.

– Sem dúvida tenho faro, mas não precisei dele para vir aqui. Vocês puseram luz suficiente ao redor da casa para iluminar a lua. Se queriam conjurar um feitiço tão brilhante, podiam ter me contado.

– Não estávamos conjurando. Só conversando. Vamos dançar *céili* na cabana esta noite. E você pode fazer companhia a Brannaugh quando eu for embora para contar a Gealbhan que ele vai ser pai.

– Como há pão fresco, eu posso... Pai, é? – Os olhos muito azuis de Eamon se encheram de alegria. – Que notícia maravilhosa!

Ele ergueu Teagan, girou-a uma vez e depois outra quando a irmã riu. Pousou-a em uma cadeira, deu-lhe um beijo e sorriu para Brannaugh:

– Eu faria o mesmo com você, mas isso acabaria com as minhas costas, porque você está grande feito uma montanha.

– Nem pense em passar minha geleia nesse pão.

– Uma bela montanha. Uma que já me deu um sobrinho lindo e uma sobrinha encantadora.

– Isso poderia fazê-lo merecer um bocadinho de geleia.

– Gealbhan vai ficar muito feliz. – Gentil, como sempre era com Teagan, Eamon passou os dedos pelo rosto dela. – Então você está bem, não é, Teagan?

– Eu me sinto mais do que maravilhosa. Estou com vontade de preparar um banquete, o que será conveniente para você, não é?

– Ah, sim, será.

– E você precisa encontrar uma boa mulher – acrescentou Teagan –, porque seria um bom pai.

– Estou mais do que satisfeito com vocês duas tendo os bebês e me deixando ser o tio feliz.

– Ela tem cabelos como o fogo, olhos como o mar tempestuoso e um brilho de poder. – Brannaugh se recostou, passando a mão por sua barriga. – As coisas vêm em ondas hoje em dia. Um pouco dele, eu acho. Ele está impaciente. – Então Brannaugh sorriu. – É bom ver a mulher que o arrastará, Eamon. Não só para a diversão, mas também para a paixão.

– Não estou atrás de mulher. Não de uma em particular.

Teagan estendeu o braço e pôs sua mão sobre a dele.

– Você acha e sempre achou que não deve ter uma esposa porque tem irmãs para proteger. Está errado, sempre esteve. Somos três, e nós duas somos tão competentes quanto você. Quando se apaixonar, não poderá controlar isso.

– Não discuta com uma mulher grávida, ainda mais se ela for uma bruxa – disse Brannaugh, alegre. – Eu nunca procurei o amor, mas ele me encontrou. Teagan esperou por ele, e ele a encontrou. Você pode correr dele, *mo dearthair*, meu irmão. Mas ele o encontrará. Quando formos para casa. – Os olhos dela ficaram úmidos de novo. – Maldição, parece que fico lacrimejando a cada vez que respiro. Vá se preparando, Teagan. O estado de espírito muda de uma hora para outra.

– Você também sentiu isso. – Eamon pôs a mão na de Brannaugh para os três ficarem unidos. – Nós vamos para casa, em breve.

– Na próxima lua. Devemos partir na próxima lua cheia.

– Eu gostaria que pudéssemos esperar – murmurou Teagan. – Até você dar à luz, embora eu saiba em minha cabeça e em meu coração que não podemos.

– Eu terei esse filho em Mayo. Ele nascerá em nosso lar. Contudo... este também é nosso lar. Não para você – disse ela para Eamon. – Você aguardou, esperou o momento propício e ficou, mas seu coração, sua mente e seu espírito sempre estiveram lá.

– Nos disseram que voltaríamos para casa. Então eu esperei. Os três que vêm de nós também esperam. – Eamon passou os dedos pela pedra azul que usava no pescoço. – Nós os veremos de novo.

– Eu sonho com eles – disse Brannaugh. – Com a que tem meu nome e os outros também. Eles lutaram e perderam.

– Lutarão de novo – disse Teagan.

– Eles o feriram. – Um brilho feroz surgiu nos olhos de Eamon. – Ele sangrou, como sangrou quando a mulher chamada Meara, a que veio com Connor, dos três, o atingiu com sua espada.

– Ele sangrou – concordou Brannaugh. – E se curou. Ele se recupera. Tira poder da escuridão. Não consigo ver de onde e como, só sentir. Não consigo ver se mudaremos o futuro, se acabaremos com Cabhan. Mas eu os vejo e sei que se não conseguirmos eles lutarão de novo.

– Então vamos para casa descobrir como. Assim os que vêm de nós não lutarão sozinhos.

Brannaugh pensou em seus filhos dormindo lá em cima. Seguros e ainda inocentes. E nos filhos dos filhos de seus filhos, em outro tempo, em Mayo. Nem seguros e nem inocentes, pensou.

– Nós descobriremos. Vamos para casa. Mas esta noite festejaremos. Teremos música. E nós três agradeceremos pela luz a todos que vieram antes de nós. Pela vida – disse ela, com uma das mãos pousada levemente na barriga da irmã e outra na sua própria.

– E amanhã começaremos a pôr fim ao que tirou a vida de nosso pai e nossa mãe – falou Eamon, levantando-se.

– Você pode esperar com Brannaugh? – pediu Teagan. – Eu gostaria de ir falar com Gealbhan agora.

– Hoje lhe dê só alegria. O resto pode ficar para amanhã. Reserve hoje só para a alegria, porque o tempo é muito curto.

– Vou fazer isso. – Ela beijou a irmã e o irmão. – Peça a Eoghan que leve a harpa.

– Com certeza levará. Nós encheremos a floresta de música que ecoará pelas colinas.

Quando Teagan saiu, Brannaugh se sentou de novo e Eamon empurrou o chá na direção dela.

– Beba. Você está pálida.

– Um pouco cansada. Eoghan sabe. Eu falei com ele e está pronto para partir, deixar tudo o que construiu aqui. Nunca pensei que seria difícil voltar. Nunca achei que ficaria dividida.

– Os irmãos de Gealbhan cuidarão da terra aqui para você e Teagan.

– Sim, e isso é um conforto. Não para você. A terra aqui nunca foi para você. – Havia novamente alegria e tristeza misturadas. – Você vai ficar em Mayo, não importa o que aconteça. Não consigo ver o que Eoghan, eu e nossos filhos faremos, mas Teagan voltará para cá, vejo isso claramente. Este é o lugar dela agora.

– É – concordou ele. – Ela sempre será uma Bruxa da Noite de Mayo, mas seu lar e coração estão em Clare.

– Como será para nós, Eamon, não estar juntos como estivemos durante toda a vida?

Os olhos de Eamon, azuis e selvagens como os do pai, fitaram bem dentro dos dela.

– Distância em espaço não significa nada. Sempre estaremos juntos.

– Eu sou uma boba e ando chorosa. Detesto isso. Se esse estado de espírito não mudar, vou me amaldiçoar.

– Bem, você ficou irritadiça e propensa a dizer palavras rudes perto do fim da gravidez da jovem Sorcha. Talvez eu prefira as lágrimas.

– Pois eu não. – Ela bebeu o chá, sabendo que a acalmaria. – Vou acrescentar mais um pouco do tônico que dei a Kathel e Alastar, para a viagem. Roibeard ainda se sai bem sem isso. Ele é forte.

– Ele está caçando – disse Eamon, referindo-se ao falcão. – Vai cada vez mais longe. Agora voa todos os dias para o norte. Assim como nós, sabe que partiremos em breve.

– Ele avisará sobre nossa chegada. Seremos bem-vindos em Ashford Castle. Os filhos de Sorcha e Daithi. Os Bruxos da Noite serão bem-vindos.

– Vou cuidar disso. – Eamon se recostou segurando o próprio chá e sorriu para a irmã. – Cabelos como o fogo, é?

Como ele queria, Brannaugh riu.

– Ah, e você vai ficar cego e sem palavras quando vocês se conhecerem, eu lhe garanto.

– Não eu, minha querida. Não eu.

## 2



**P**ARA AS CRIANÇAS, AQUILO ERA UMA AVENTURA. A IDEIA DE UMA longa jornada, de ir para um lugar novo – tendo como prêmio, ao fim, um castelo – deixava Brin especialmente ansioso por partir.

Enquanto Brannaugh guardava as coisas de que precisariam, pensou mais uma vez naquela manhã muito tempo atrás, quando se apressava em fazer o que sua mãe mandara – empacotar tudo o que lhe fora dito para levar. Tão urgente e definitivo, pensava. E aquele último olhar para a mãe ardendo com o poder que lhe restava, fora da cabana na floresta.

Agora estava empacotando as coisas para voltar – um dever, um destino, que sempre aceitara. Pelo qual ansiara – até o nascimento de seu primogênito, até ser inundada de amor pelo menino que, mesmo naquele momento, corria de um lado para outro quase febril em seu entusiasmo.

Mas ela ainda tinha uma tarefa a cumprir ali.

Juntou tudo de que precisava – tigela, vela, livro, ervas e pedras. E, olhando de relance para seu garotinho, sentiu ao mesmo tempo orgulho e pesar.

– Está na hora dele, na hora disso – falou para Eoghan.

Compreendendo, ele lhe beijou a testa.

– Vou levar Sorcha para cima. Está na hora de ela ir para a cama.

Brannaugh assentiu, se virou para Brin e o chamou.

– Não estou cansado. Por que não podemos partir agora e dormir sob as estrelas?

– Partiremos de manhã, mas antes há coisas que você e eu precisamos fazer.

Ela se sentou e abriu os braços.

– Primeiro sente-se comigo. Meu filho – murmurou quando ele subiu em seu colo. – Meu coração, você sabe o que eu sou.

– Ma – disse Brin, aconchegando-se nela.

– Sim, mas sabe, porque nunca escondi de você, o que sou além disso. Bruxa da Noite, guardiã da magia, filha de Sorcha e Daithi. Esse é o meu sangue. É o seu também. Está vendo a vela?

– Foi você quem fez. Mamãe faz velas e assa bolos, papai monta cavalos.

– É isso que você acha? – Ela riu e decidiu deixá-lo ter essa ilusão por um pouco mais de tempo. – Bem, é verdade que fiz a vela. Está vendo o pavio, Brin? Está frio e sem luz. Olhe a vela, Brin, olhe a vela. Veja a luz e a chama, a pequena chama, e o calor, a luz por vir. Há luz e chama em você. Olhe o pavio, Brin.

Ela sussurrou isso repetidamente e sentiu a energia do filho começar a se estabilizar e os pensamentos dele começarem a acompanhar os seus.

– Luz é poder. Poder é luz. Em você, de você, através de você. Seu sangue, meu sangue, nosso sangue, sua luz, minha luz, nossa luz. Sinta o que habita em você, o que espera em você. Veja o pavio, ele espera por sua luz. Por seu poder. Traga-o. Deixe-o aumentar devagar, devagar, gentil e puro. Procure por ele, porque ele lhe pertence. Procure, toque, aumente. Traga a luz.

O pavio faiscou, apagou, faiscou de novo e depois se acendeu.

Brannaugh deu um beijo no alto da cabeça de Brin. Pronto, pensou, pronto, a primeira lição foi aprendida. E seu filho nunca mais seria apenas uma criança.

Alegria e tristeza, para sempre entrelaçadas.

– Você se saiu muito bem.

Brin virou o rosto para cima e lhe sorriu.

– Posso acender outra?

– Sim – disse ela, e o beijo de novo. – Mas agora preste atenção, porque há mais para aprender e saber. E a primeira coisa que você deve saber e jurar é não fazer mal para ninguém com o que você é, com o que tem. Seu dom, Brin, não fará mal para ninguém. Jure para mim, para si mesmo, para todos os que vieram antes e todos os que virão depois.

Brannaugh ergueu seu punhal e o usou na palma de sua mão.

– Faremos um juramento de sangue. De mãe para filho, de filho para mãe, de bruxo para bruxa.

Com olhos solenes, Brin estendeu a mão para Brannaugh e pestanejou à rápida dor quando ela o cortou.

– Juro não fazer mal a ninguém – disse Brin quando a mãe pegou sua mão e misturou seu sangue com o dele.

– Juro não fazer mal a ninguém – repetiu Brannaugh. Depois puxou a mãozinha para perto, beijou o pequeno ferimento e o curou. – Agora você pode acender outra vela. E depois faremos feitiços de proteção juntos. Para você, sua irmã e seu pai.

– E para você, mãe?

Ela tocou em seu pingente.

– Já tenho o que preciso.

NA NEBLINA DA MANHÃ, BRANNAUGH SUBIU NA CARROÇA, SUA GAROTINHA agasalhada ao seu lado. Olhou para o filho, tão corado de prazer na sela, na frente do pai. Olhou para a irmã, serena e calada sobre Alastar; o irmão, com a espada do avô ao seu lado, alto e ereto sobre o cavalo que ele chamava de Mithra. E Gealbhan, firme e esperando sobre a bela égua que Alastar emprenhara três verões antes.

Ela deu o comando para a velha égua de arado de Gealbhan e se pôs a caminho, com Brin deixando escapar um grito de entusiasmo. Olhou apenas uma vez para trás, para a casa que aprendera a amar, e perguntou a si mesma se a veria de novo.

Depois olhou para a frente.

Uma curandeira era bem-vinda em todos os lugares – como um harpista. Embora o bebê pesasse em sua barriga e frequentemente ficasse inquieto, ela e sua família encontraram abrigo e hospitalidade pelo caminho.

Eoghan tocou música e ela, Teagan ou Eamon prepararam unguentos e poções para os doentes ou feridos. Gealbhan ofereceu seus braços fortes e suas mãos calejadas.

Certa noite dormiram sob as estrelas como Brin desejara, e houve conforto em saber que o cão, o falcão e o cavalo guardavam o que era dela.

Não encontraram nenhuma dificuldade ao longo do caminho, mas então Brannaugh soube que a notícia se espalhara. Os três Bruxos da Noite estavam atravessando Clare rumo a Galway.

– A notícia também vai chegar a Cabhan – disse Eamon quando eles pararam a fim de deixar os cavalos descansarem e as crianças brincarem livremente por algum tempo.

Brannaugh se sentou entre ele e Teagan enquanto Gealbhan e Eoghan davam água para os cavalos e Eamon pescava.

– Estamos mais fortes do que antes – lembrou-lhe Teagan. – Viajamos

para o sul quando éramos crianças. Não somos mais crianças e estamos indo para o norte.

– Ele está preocupado. – Brannaugh acariciou a barriga. – Porque você e eu carregamos mais do que antes.

– Eu não duvido de seu poder nem sua determinação.

– E ainda assim se preocupa.

– Eu me pergunto se deve ser agora, mesmo sabendo que sim – admitiu Eamon. – Sinto isso como vocês duas, mas ainda assim seria mais fácil se houvesse tempo para terem seus filhos adequadamente antes de enfrentarmos o que temos de enfrentar.

– O que tem de ser será, mas na verdade estou feliz por interrompermos nossa viagem por um dia para visitarmos nossos primos. E, por todos os deuses, será ótimo ficar um dia fora daquela maldita carroça.

– Estou sonhando com os bolos de mel de Ailish, porque ninguém os faz melhor do que ela.

– Sonhando com a barriga – disse Teagan.

– Um homem precisa comer. Arrá! – Ele puxou a linha e o peixe que mordera o anzol. – E então comeremos.

– Você vai precisar de mais de um – disse Brannaugh, fazendo todos se lembrarem das mesmas palavras que a mãe dissera em um dia bonito e feliz no rio, em casa.

Eles deixaram a região selvagem e acidentada de Clare, empurrados por ventos ferozes e uma súbita chuva torrencial. Passaram pelas colinas verdes de Galway, por campos com ovelhas balindo, cabanas com fumaça saindo de chaminés. Roibeard voava à frente, por baixo e através de camadas de nuvens que transformavam o céu em um mar cinzento e macio.

As crianças cochilavam na carroça aninhadas entre as trouxas, e Kathel, sempre alerta, estava sentado ao lado de Brannaugh.

– Há mais cabanas do que me lembro. – Ao lado dela, Teagan cavalgava o incansável Alastar.

– Os anos passam.

– Esta é uma terra boa... Quase posso ouvir Gealbhan pensando isso.

– Então você se estabelecerá aqui? Gosta deste lugar?

– Sim, mas também gosto da nossa cabana na floresta em Clare. E ainda assim, quanto mais perto chegamos de casa, mais anseio por ela. Todos nós

tivemos de deixar isso de lado por muito tempo, mas agora... Está sentindo isso, Brannaugh? O chamado do lar?

– Sim.

– Você tem medo?

– Sim. Do que está por vir, mas, acima de tudo, de falhar.

– Não falharemos. – Ao ver o olhar penetrante de Brannaugh, Teagan balançou a cabeça. – Não, não tive uma visão, mas tenho uma certeza. Que fica mais forte à medida que nos aproximamos de casa. Não falharemos, porque a luz sempre vence a escuridão, embora possa demorar mil anos.

– Parece nossa mãe falando – murmurou Brannaugh.

– Ela está em todos nós, por isso não falharemos. Ah, olhe, Brannaugh! Aquela árvore ali com os galhos retorcidos. É a que Eamon disse para nossa prima Mabh que ganhava vida na lua cheia, para assustá-la. Estamos perto da fazenda de Ailish. Quase lá.

– Continuem, vão em frente.

Com o rosto alegre como se fosse criança outra vez, Teagan jogou a cabeça para trás e riu.

– Eu vou.

Cavalgou até o marido, riu de novo e depois se pôs a galope. Ao lado de Brannaugh, Kathel ganiu e tremeu.

– Vá, então. – Brannaugh o acariciou.

Kathel pulou da carroça e correu atrás do cavalo com o falcão voando acima deles.

Aquilo era uma volta ao lar, porque eles tinham morado na fazenda por cinco anos. Brannaugh achou o lugar tão bem cuidado como sempre, com novas construções e um novo cercado onde cavalos jovens saltitavam.

Ela viu um menino pequeno com cabelos louros, muito interessado em Kathel. E quando o menino sorriu, soube que era Lughaidh, o mais novo e último filho de sua prima.

A própria Ailish correu para a carroça. Ela estava um pouco mais redonda e havia mechas grisalhas em seus cabelos claros. Mas seus olhos estavam vivos e jovens como sempre.

– Brannaugh! Ah, veja a nossa Brannaugh! Seamus, venha ajudar sua prima a descer da carroça.

– Eu estou bem. – Brannaugh desceu sozinha e abraçou a prima. – Ah, faz bem para o meu coração ver você de novo.

– E faz bem para o meu ver você. Ah, você está linda, como sempre. Como sua mãe. E aqui está nosso Eamon, tão bonito! Nossos três primos voltaram, como você disse que fariam. Eu mandei os gêmeos irem buscar Bardan no campo. E, Seamus, corra e avise Mabh que os primos dela estão aqui.

Com os olhos lacrimejantes, ela abraçou Brannaugh outra vez.

– Mabh e o marido têm a própria cabana logo do outro lado do caminho. Ela está quase pronta para ter o primeiro filho. Vou ser avó! Ah, não consigo controlar minha língua. É Eoghan, não é? E Gealbhan, de Teagan. Bem-vindos, todos vocês. Sejam bem-vindos. Mas onde estão seus filhos?

– Dormindo na carroça.

Nada os acordaria exceto os bolos de mel de Ailish de que Eamon se lembrava tão bem. Então Conall, que era um bebê de colo quando Brannaugh o vira pela última vez, levou os filhos dela para verem uma nova ninhada de cachorrinhos.

– Eles vão ficar bem, eu lhe dou a minha palavra – disse Ailish servindo chá. – Conall, que você ajudou a trazer ao mundo, é um bom rapaz. Vamos deixar os homens cuidarem dos cavalos e do resto enquanto vocês duas têm um pouco de descanso.

– Bendito descanso. – Brannaugh bebericou o chá e deixou o fogo aquecê-la, acalmá-la. – Estou sentada em uma cadeira que não se move.

– Coma. Há outro filho em você que também precisa comer.

– Eu sinto muita fome durante o dia e metade da noite. Teagan não sente tanta ainda. Mas sentirá.

– Ah, você está esperando um filho? – O rosto de Ailish brilhava de alegria quando ela parou de mexer o chá e pôs as mãos sobre o coração. – Minha doce e pequena Teagan vai ser mãe. Os anos, para onde vão? Você era apenas um bebê. Vai ficar até chegar sua hora? – perguntou ela para Brannaugh. – Mayo ainda está a certa distância e o bebê não demora a nascer. Posso ver que não demora.

– Só um ou dois dias, e fico muito grata por isso. O bebê vai nascer em Mayo. É para ser assim. Deve ser.

– Deve ser? – Ailish segurou a mão de Brannaugh e depois a de Teagan.

– Deve ser? Vocês construíram suas vidas em Clare. São mulheres, mães. Devem ir até a escuridão que as espera?

– Nós somos mulheres, mães e mais. Não podemos dar as costas a nada disso. Mas não se preocupe, prima. Não pense nisso. Temos hoje, com chá, bolos e família.

– E voltaremos aqui. – Quando Ailish e Brannaugh olharam para ela, Teagan apertou uma das mãos contra o coração. – Eu sinto, muito forte. Vamos voltar. Acredito nisso. Acredito em nós. E a fé nos fortalece.

– Sendo assim, vocês terão toda a minha fé.

Eles tiveram música, festa e família. E, por uma noite e um dia, paz. Ainda assim, Brannaugh estava desassossegada. Embora o marido dormisse na cama que Ailish lhes oferecera, ela ficou sentada perto do fogo.

Ailish se aproximou, usando sua camisola e um xale grosso.

– Você precisa de um pouco do chá que sempre fez para mim quando eu estava perto de dar à luz e o bebê pesava tanto que eu não conseguia dormir.

– Eu procuro por ela no fogo e na fumaça – murmurou Brannaugh. – Não posso evitar olhar. Sinto tanta fala dela que dói. Mas a tristeza pela morte da minha mãe é de um tipo que nunca acabará.

– Eu sei. – Ailish se sentou do lado dela. – Ela vem até você?

– Em sonhos. Há momentos, mas apenas momentos, em que anseio ouvir a voz dela, que ela me diga que estou fazendo a coisa certa. Que estou fazendo o que ela quer que eu faça.

– Ah, meu amor, você está. Você está. Lembra-se do dia em que nos deixou?

– Sim. Ao partir, eu a fiz sofrer.

– Partir sempre faz sofrer, mas acabei entendendo que isso era o certo. Antes de você ir embora, me falou de Lughaidh, o bebê que eu esperava. Disse que ele deveria ser o último, porque nem eu nem um bebê sobreviveríamos a outro parto. E me deu uma poção para beber a cada lua até o frasco ficar vazio. Assim eu não teria mais filhos. Isso me entristeceu.

– Eu sei. – E a compreendia mais agora, que tinha os próprios filhos. – Você é a melhor das mães e foi uma mãe para mim.

– Eu não teria vivido para ver meus filhos adultos, ver minha filha mais velha esperando o próprio filho. Para ver Lughaidh, tão doce e alegre e, como você disse, com a voz de um anjo.

Ailish fez um sinal afirmativo com a cabeça e ela própria observou o fogo, como se revisse aquele dia na fumaça e nas chamas.

– Você lançou proteção sobre mim e os meus, me deu os anos que eu podia não ter tido. Você é o que ela desejaria. Mesmo que me entristeça o

fato de você partir para enfrentar Cabhan, sei que deve fazer isso. Nunca duvide de que ela se orgulha de você. Nunca duvide, Brannaugh.

– Você me conforta, Ailish.

– Eu terei fé, como Teagan pediu. Acenderei uma vela todas as noites. Eu a acenderei com a pouca magia que tenho para que ela brilhe para você, Teagan e Eamon.

– Eu sei que você teme o poder.

– É o meu sangue também. Você é minha como era dela. Farei isso todos os dias, ao pôr do sol, e na pequena luz porei minha fé. Saberei que arde para você e os seus. Saberei disso e ficarei segura.

– Nós vamos voltar. Tenho fé nisso. Vamos voltar e você segurará a criança que agora está dentro de mim.

ELES SEGUIRAM VIAGEM, COM UM CACHORRINHO MALHADO DADO PARA AS crianças com muita formalidade e promessas de uma visita mais longa quando voltassem.

O ar se tornou mais frio, o vento, forte.

Mais de uma vez Brannaugh ouviu no vento a voz de Cabhan, sedutora e maliciosa.

*Eu espero.*

Ela via Teagan olhar para as colinas ou Eamon levar a mão ao pingente e sabia que eles tinham ouvido também.

Quando Roibeard mudou de direção e Alastar tentou segui-lo, Kathel pulou da carroça e correu por um caminho em uma bifurcação na estrada.

– Esse não é o caminho. – Eoghan parou seu cavalo perto da carroça. – Nós chegaríamos a Ashford amanhã, mas esse não é o caminho.

– Não, não é o caminho para Ashford, mas o caminho que devemos seguir. Confie nos guias, Eoghan. – Há algo que devemos fazer primeiro. Sinto isso.

Eamon parou do outro lado.

– Perto do lar – disse ele. – Quase perto o suficiente para saboreá-lo. Mas recebemos um chamado.

– Sim, recebemos. E o atenderemos. – Ela estendeu o braço e tocou no braço do marido. Devemos fazer isso.

– Então faremos.

Ela não conhecia o caminho e, contudo, sabia qual era. Com sua mente conectada com a do cão, conhecia a estrada, as curvas, as colinas. E ah,

sentia aquela escuridão, Cabhan se expandindo, ávido por tirar o que ela tinha, e mais.

O sol nebuloso se punha na direção das colinas a oeste, mas ainda assim eles prosseguiram. As costas de Brannaugh doíam por causa das horas na carroça, e ela sentiu a sede aumentar. Mas eles prosseguiram.

Brannaugh viu a sombra na escuridão que se aproximava, tornando-se visível com os campos ao redor. Um lugar de adoração, pensou. Podia sentir isso.

E um lugar de poder.

Parou a carroça e respirou fundo.

– Ele não pode atravessar. É forte demais para ele entrar.

– Algo aqui – murmurou Eamon.

– Algo brilhante – disse Teagan. – Forte e brilhante. E antigo.

– De antes de nós. – Grata pela ajuda, Brannaugh deixou seu marido erguê-la da carroça. – De antes de nossa mãe. Antes de qualquer tempo que conhecemos.

– Uma igreja. – Gealbhan estendeu o braço para erguer Teagan da sela.

– Mas não há ninguém aqui.

– Eles estão aqui. – Cansada, Teagan se apoiou em Gealbhan. – Aqueles que vieram antes de nós, que consagraram este solo. Eles não o deixarão passar. Este é um lugar sagrado.

– Esta noite, é nosso. – Brannaugh deu um passo para a frente e ergueu as mãos. – Deuses e deusas da luz, nós vos invocamos na noite. Pelo poder que nos destes, pelo objetivo que nos move, buscamos vossa bênção. Uma noite dentro de vossas paredes antes que qualquer destino se cumpra, este alívio, este repouso. Somos os três de Sorcha. Bruxos da Noite que vêm a vós. Por vossa vontade, que assim seja.

Luz brilhou como o sol através das janelas e portas se abriram com um vento como a respiração. E de dentro veio calor.

– Somos bem-vindos aqui. – Sorrindo, ela pegou a filha no colo e toda a fadiga da longa jornada desapareceu. – Somos bem-vindos.

Brannaugh pôs as crianças para dormir em leitos improvisados no chão da igreja. E ficou grata pelos dois estarem cansados demais para choramingar ou discutir, porque sua energia momentânea já diminuía.

– Você os está ouvindo? – sussurrou Eamon.

– Até mesmo eu os estou ouvindo. – Eoghan examinou a igreja, as paredes de pedra e os bancos de madeira. – Eles estão cantando.

– Sim. – Gealbhan pegou o cachorrinho no colo para acalmá-lo. – Suave e lindamente. Como anjos ou deuses poderiam cantar. Este é um lugar sagrado.

– Oferece mais do que um santuário à noite. – Apertando as costas com uma das mãos, Brannaugh se levantou. – Oferece bênção e luz. Esta noite fomos chamados para este lugar por aqueles que vieram antes de nós.

Teagan tocou leve e reverentemente o altar.

– Construído por um rei em retribuição a uma gentileza. Uma promessa cumprida. Construído aqui, perto de um caminho de peregrinos. Esta abadia se chama Ballintubber.

Ela ergueu as mãos e sorriu.

– Posso ver tudo isso. – Teagan se virou para seu marido. – Sim, este é um lugar sagrado e buscaremos a bênção daqueles que nos chamaram.

– Como o rei, temos uma promessa a cumprir – disse Brannaugh. – Eoghan, meu amor, pode me trazer o livro de minha mãe?

– Sim. Vou trazer, se você se sentar. Sente-se, Brannaugh. Está muito pálida.

– Na verdade estou cansada, mas eu lhe asseguro que isso deve ser feito e será bom para todos nós. Teagan...

– Sei do que precisamos. Vou...

– Sente-se – insistiu seu irmão. – Vou pegar tudo de que precisamos e vocês duas descensem por um momento. Gealbhan, juro pelos deuses que você deve se sentar sobre elas se não descansarem um pouco.

Gealbhan só precisou tocar no rosto de sua esposa e segurar a mão de Brannaugh para fazê-las prestar atenção.

– O que deve ser feito? – perguntou ele a Teagan.

– Uma oferenda. E um pedido. Uma reunião. Cabhan não pode vir aqui. Ele não pode vir aqui, ou ver este lugar. Aqui ele não tem nenhum poder. E aqui podemos nos reunir com os nossos.

– Do que você precisa?

– Você é o melhor de nós. – Ela lhe beijou o rosto. – Se você ajudar Eamon, juro que Brannaugh e eu vamos esperar aqui e descansar.

Quando ele se foi, ela se virou depressa para Brannaugh.

– Você está com dor.

– Não são as dores do parto. Você aprenderá que o bebê frequentemente lhe dá um indício do que está por vir. Isso passará. Mas o resto é bem-vindo. O que faremos aqui exigirá força.

Elas tiraram uma hora para descansar, se preparar.

– Devemos lançar o círculo e fazer a oferenda – disse ela para Eoghan. –

Não tema por mim.

– Você me pediria para não respirar?

– É de seu amor e sua fé e do amor e da fé de Gealbhan que nós precisamos.

– Então vocês os têm.

Eles lançaram o círculo e o caldeirão flutuou acima do fogo que tinham feito. Água fluiu das mãos de Teagan para o caldeirão. Brannaugh acrescentou ervas e Eamon, cascalho.

– Isto vem do lar que construímos.

– E isto do lar que procuramos. Pequenas coisas, uma flor seca, um seixo, um pedaço de casca de árvore.

Teagan abriu uma pequena bolsa e acrescentou seu precioso conteúdo.

– Valem mais do que ouro ou prata. Nós lhes oferecemos. Aqui, um cacho de cabelo do meu primogênito.

– Uma pena do meu guia. – Eamon a acrescentou ao caldeirão borbulhante.

– Este amuleto que minha mãe fez para mim.

– Ah, Teagan – murmurou Brannaugh.

– Ela desejava isso. – Teagan o acrescentou à oferenda.

– Nós lhes oferecemos o que nos é caro e acrescentamos a isso esta lágrima de bruxa. E selamos com sangue esta mistura para mostrar que nossos corações são leais.

Com uma faca consagrada, cada um deles ofereceu seu sangue, e, com isso, o caldeirão borbulhante ferveu e fumegou.

– Pai, mãe, sangue do nosso sangue, ossos de nossos ossos, nós, órfãos, demonstramos para sempre nossa fé. Concedam-nos aqui, neste lugar sagrado, nesta hora sagrada, a força e o privilégio de seu poder. Com sua dádiva não poderemos falhar e venceremos Cabhan. Agora imbuam de seu poder os três bruxos que somos. Que assim seja.

O vento havia se agitado do lado de dentro das paredes. A chama da vela se tornara brilhante. Mas às últimas palavras que os três proferiram juntos, o vento girou e a luz cintilou.

As vozes que tinham murmurado se elevaram.

Brannaugh segurou as mãos de seus irmãos e, com eles, caiu de joelhos.

A luz, as vozes, o vento a atingiram com força. E também o poder.

Depois veio o silêncio.

Brannaugh se levantou de novo e se virou com Teagan e Eamon.

– Você estava iluminada – disse Eoghan, maravilhado. – Como as próprias velas.

– Somos os três. – A voz de Teagan se elevou e ecoou no profundo silêncio. – Mas há muitos. Muitos antes de nós, muitos que virão depois.

– A luz deles é nossa; a nossa é deles. – Eamon ergueu seus braços, os de suas irmãs elevados. – Nós somos os três, e nós somos um.

Cheia de luz e não mais cansada, Brannaugh sorriu.

– Nós somos os três. Projetamos nossa luz na escuridão, a procuramos nas sombras. E venceremos.

– Por nosso sangue, nós venceremos – disseram juntos.

DE MANHÃ, À LUZ SUAVE DO DIA, ELES PARTIRAM DE NOVO. SEGUIRAM PELA estrada com colinas verdes, água azul brilhante e um sol providencial. Foram na direção das pedras cinza de Ashford, onde os portões estavam abertos para eles, a ponte estava abaixada e o sol brilhava sobre a água e a terra em que nasceram.

E assim os filhos de Sorcha voltaram ao lar.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)